

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 4 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 4)

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-934-9
 DOI 10.22533/at.ed.349202001

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravo Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os levars dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos levars de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO <i>MARIA CHIQUINHA</i>	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira Anna Clara de Oliveira Carling	
DOI 10.22533/at.ed.3492020011	
CAPÍTULO 2	9
AS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO	
Daniel de Oliveira Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.3492020012	
CAPÍTULO 3	14
AVALIAÇÕES DE BIOLOGIA: O QUE DIZEM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	
Mariana Bolake Cavalli Bruno Garcia Pires Juliana Moreira Prudente de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 4	26
CELING (CENTRO DE LÍNGUAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON): ENTRE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE	
Elisângela Redel Diana Milena Heck Verônica P. Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 5	39
CINOTERAPIA: PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E FONOAUDIOLOGIA	
Renata Gomes Camargo Dayane Stephanie Potgurski Luana Zimmer Sarzi Camilla Fernandes Diniz Fernanda Celeste Sánchez Weber	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	

CAPÍTULO 6 49

COBERTURA VACINAL CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES NO ACRE

Ruth Silva Lima da Costa
Cliviane da Costa Farias
Emiliane Souza Bandeira
Eder Ferreira de Arruda
Aylana de Souza Belchior
Marília Perdome Machado
Jair Alves Maia
Mediã Barbosa Figueiredo
Priscila Su-Tsen Chen
Jediel Rezende de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3492020016

CAPÍTULO 7 59

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Ana Paula Lima Aprato

DOI 10.22533/at.ed.3492020017

CAPÍTULO 8 70

CRIANÇAS E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Daniela Santos Furtado
Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

DOI 10.22533/at.ed.3492020018

CAPÍTULO 9 76

CSI IFSC - QUÍMICA FORENSE PARA DESVENDAR UM ASSASSINATO

Marcel Piovezan
Claudia Lira
Felipe de Oliveira
Gisele Serpa
Rafael Lapolli da Silveira Venera
Karen Aparecida Justen
Paulo dos Santos Batista
Renata Pietsch Ribeiro
Tula Beck Bisol
Berenice da Silva Junkes
Wilson Pedro Espindola

DOI 10.22533/at.ed.3492020019

CAPÍTULO 10 82

CURRÍCULO ADAPTADO: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Viviane Cristina de Mattos Battistello
Ana Teresinha Elicker
Rosemari Lorenz Martins

DOI 10.22533/at.ed.34920200110

CAPÍTULO 11	91
CURSO MICROSOFT EXCEL – BÁSICO AO AVANÇADO	
Natália Cardoso dos Santos	
Nardel Luiz Soares da Silva	
Jessyca Vechiato Galassi	
Lucas Casarotto	
Leonardo Backes Mosconi	
Nathália Cotorelli	
Aline Rafaela Hasper	
Daliana Hisako Uemura-Lima	
Paula Caroline Bejola	
Maria Antonia Urnau	
Daniela da Rocha Herrmann	
Lucas Natan Scheuermann	
DOI 10.22533/at.ed.34920200111	
CAPÍTULO 12	97
DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO PROMOTORES DE INCLUSÃO SOCIAL	
Marilene Santana dos Santos Garcia	
Jaqueline Becker	
Willian Rufato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34920200112	
CAPÍTULO 13	104
DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE	
Everton Nery Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 14	115
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS	
Nelson Batista Leitão Neto	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 15	128
EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CONTEXTO DA ESCOLA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
Amilton Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	
CAPÍTULO 16	140
EDUCAÇÃO INFANTIL EM JORNADA DE TEMPO INTEGRAL: OLHARES, SENTIDOS, FALAS E PERCEPÇÕES INFANTIS	
Kenia dos Santos Francelino	
Katscilaine dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200116	
CAPÍTULO 17	146
EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCÊNCIA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Kenia dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200117	

CAPÍTULO 18 152

EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM
ASSENTAMENTO DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, ÓROCO – PE

Xenusa Pereira Nunes
Gáudia Maria Costa Leite Pereira
Francisco Assis Filho
Xirley Pereira Nunes
Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.34920200118

CAPÍTULO 19 160

EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR

Marivalda Evangelista dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200119

CAPÍTULO 20 172

ENSINANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DO BOB ESPONJA

Susete Wambier Christo
Augusto Luiz Ferreira Júnior
Ana Flávia Monteiro
Marilise Silva Meister
Denilton Vidolin

DOI 10.22533/at.ed.34920200120

CAPÍTULO 21 179

ESPÉCIES BOTÂNICAS E A INFLUÊNCIA DAS PRECIPITAÇÕES NO
FORRAGEAMENTO DE *MELIPONA EBURNEA* EM RIO BRANCO, ACRE

Carmem Cesarina Braga de Oliveira
Francisco Cildomar da Silva Correia
Rui Carlos Peruquetti

DOI 10.22533/at.ed.34920200121

CAPÍTULO 22 184

ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE

Thalia Costa Medeiros
Najra Danny Pereira Lima
Mayanny da Silva Lima
Thais Costa Medeiros
Maria Helena Rodrigues Bezerra
Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha
Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva
Ava Fabian dos Anjos Lima
Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser
Alice Figueiredo de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.34920200122

CAPÍTULO 23	197
EXPLORANDO JOGOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A APRENDIZAGEM DE FRAÇÕES	
<p>Andreia Belter Fernando Feiten Pinto Ivana Letícia Damião Júlia Gabriela Petrazzini da Silva Elizangela Weber Julhane Alice Thomas Schulz Mariele Josiane Fuchs</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200123	
CAPÍTULO 24	206
FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA	
<p>José Luís Félix D</p>	
OI 10.22533/at.ed.34920200124	
CAPÍTULO 25	216
FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: UM CRIME CONTRA OS DIREITOS HUMANOS	
<p>Jenijunio dos Santos José Guilherme Aguiar Assis Rafael de Carvalho da Costa</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200125	
CAPÍTULO 26	223
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES CAMPESINOS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<p>Sabrina Stein Charles Moreto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200126	
CAPÍTULO 27	230
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<p>Odaléa Barbosa de Sousa Sarmento Ana Leide Rodrigues de Sena Góis Jocyléa Santana dos Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200127	
CAPÍTULO 28	240
FORMAÇÃO DE CÉLULAS COOPERATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ARTICULADORA, NO PROGRAMA FOCCO, CÁCERES MT	
<p>Ana Karla Pereira Viegas Cleide Aparecida Ferreira da Silva Gusmão Daniely Takekawa Fernandes Daiany Takekawa Fernandes Josimeire Teixeira Carrara Juliana Carol Braga Aponte Karla Silva da Paixão Rosane Andrade Vasconcelos</p>	

Thaysa Rodrigues da Silva Gonçalves

Thulio Santos Mota

DOI 10.22533/at.ed.34920200128

CAPÍTULO 29 243

**FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO JALAPÃO -
TOCANTINS**

Odaléia Barbosa de Sousa Sarmento

Daniela Patrícia Ado Maldonado

Jocyleia Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200129

CAPÍTULO 30 246

**GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR**

Nubiana Salazar

Paula dos Reis Lanz

Luciane Maria Wagner Raupp

DOI 10.22533/at.ed.34920200130

CAPÍTULO 31 255

**GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ALGUNS ENFOQUES E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PESQUISADORES**

Renata Cristina Geromel Meneghetti

Augusta Teresa Barbosa Severino

Gabriela Castro Silva Cavalheiro

Julyette Priscila Redling

Marcela Aparecida Penteado Rossini

DOI 10.22533/at.ed.34920200131

SOBRE A ORGANIZADORA..... 266

ÍNDICE REMISSIVO 267

LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO *MARIA CHIQUINHA*

Data de aceite: 03/01/2020

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Heitor Messias Reimão de Melo
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Maria Regina Momesso
Débora Cristina Machado Cornélio
Andreza de Souza Fernandes
Monica Soares
Carlos Simão Coury Corrêa
Valquiria Nicola Bandeira
Anna Clara de Oliveira Carling

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar a canção *Maria Chiquinha*, composta por Guilherme Figueiredo em 1961, interpretada pelos cantores Sandy & Júnior, dando destaque às questões de liberdade sexual e violência contra a mulher presentes na letra da canção. Para tanto, interpretaremos o discurso materializado na letra da canção sob o viés da Análise do Discurso (AD) de linha Francesa, destacando as condições de produção, a posição sujeito homem e a memória discursiva, que dá sentido à necessidade da posição de submissividade exigida da mulher na sociedade da época, e que impera até hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; violência; Maria Chiquinha.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O início da década de 1960 (época em que a canção Maria Chiquinha foi composta), no que diz respeito ao tratamento da mulher na sociedade, foi um período extremamente preconceituoso. O sistema patriarcal ditava como a mulher deveria se portar em qualquer situação, devendo ser submissa ao seu marido, tendo a liberdade sexual amputada, além do dever de ser uma esposa, mãe e dona de casa exemplar. A mulher não tinha voz, e as poucas que trabalhavam, exerciam funções consideradas como uma extensão da própria casa, como por exemplo, trabalhar no ensino das crianças. Para se ter ideia, segundo Tosi (2016), o direito ao voto para a mulher foi conquistado apenas em 1919 nos Estados Unidos. Nova Zelândia e Finlândia foram os primeiros países a garantirem esse direito às mulheres, sendo em 1893 e 1906, respectivamente. No Brasil, o direito das mulheres ao voto só foi consolidado em 1932, o que mostra que as diferenças em relação ao gênero eram muito grandes, não só a nível nacional, mas a nível mundial. Essas diferenças aos poucos foram se atenuando, porém até hoje as mulheres sofrem com a falta de visibilidade em sociedade. Em relação à

violência contra a mulher, os números comprovam que há muito a ser feito a respeito desse problema. A lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, popularmente conhecida por Lei Maria da Penha, é uma forma de tentar proteger a mulher contra as diversas formas de violência, pois ela

cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (BRASIL, 2006).

Além da lei Maria da Penha, em 9 de março de 2015 foi sancionada a lei 13.104, popularmente conhecida como Lei do feminicídio. Essa lei inclui o “feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio” (BRASIL, 2015). Como é possível perceber, mesmo atualmente as mulheres ainda não conquistaram equidade de direitos em sociedade, além de sofrerem com vários tipos de violência. Em relação ao período em que a canção Maria Chiquinha foi escrita, não haviam grandes medidas de proteção à mulher, o que tornava comum as práticas violentas evidenciadas na letra. Apesar de ter se tornado nacionalmente conhecida apenas em 1991, nas vozes da dupla Sandy & Júnior, com oito e sete anos de idade na época, respectivamente, a canção foi composta trinta anos antes por Guilherme Figueiredo.

Primeiramente, faremos uma breve discussão da Análise do discurso de linha francesa, delineando os conceitos fundadores da teoria, bem como os conceitos centrais para a discussão aqui empreendida. Em seguida, adentraremos à análise discursiva da canção Maria Chiquinha, com o objetivo de compreender o discurso do machismo que permeia a obra, dado o fim trágico da personagem Maria Chiquinha por sua tentativa de explorar sua sexualidade.

ANÁLISE DO DISCURSO: UMA DISCIPLINA DE ENTREMEIO

AAD nasce no final dos anos 1960 com o filósofo Michel Pêcheux, que propunha uma forma diferente de observar a linguagem, voltando o seu olhar para o discurso como objeto de estudo. Pêcheux (2010, p. 81) conceitua o discurso como “efeito de sentidos entre locutores”, o discurso é o encontro entre ideologia e linguagem, sendo esta última o lugar onde se materializa a ideologia (ORLANDI, 2007).

A ideologia é o mecanismo que mantém os sentidos, que dá a impressão de naturalidade das coisas. Brandão (2012, p. 30) postula que

[...] não há um discurso ideológico, mas todos os discursos o são. Essa postura deixa de lado uma concepção de ideologia como “falsa consciência” ou dissimulação, mascaramento, voltando-se para outra direção ao entender a ideologia como algo

inerente ao signo em geral.

Ou seja, é a partir da ideologia que compreendemos o mundo tal como nos é apresentado, pelo efeito do sentido já-lá.

A formações discursivas (FD) determinam o que pode e deve ser dito em determinada conjuntura (ORLANDI, 2007). De acordo com Pêcheux (2010, p. 310) “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais”. As formações discursivas são constituídas pelas formações ideológicas.

Num determinado momento histórico e no interior mesmo desses aparelhos, as relações de classe podem caracterizar-se pelo confronto de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de aliança, de antagonismos ou de dominação. Essa organização de posições políticas e ideológicas é que constitui as formações ideológicas (BRANDÃO, 2012, p. 47).

Para a AD, diferentemente de outros campos teóricos, o sujeito é dividido entre consciente e inconsciente. Ele é assujeitado pela ideologia por meio da linguagem, não tendo domínio sobre o que diz, dado que os efeitos de sentidos não podem ser controlados (ORLANDI, 2007). De acordo com Mussalim (2006, p. 107), o sujeito é “definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem”.

O discurso tem sempre relação com outros discursos. A memória discursiva dá condições para a enunciação, pois todos os enunciados estão em sua base. Conforme Orlandi (2007, p. 20), “O interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer”.

É necessário que se estabeleçam as condições de produção de todo discurso, que diz respeito ao contexto sócio-histórico e ideológico do momento da enunciação.

As condições de produção incluem, pois, os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em seu sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio histórico, ideológico, mais amplo (ORLANDI, 2007, p. 17).

Para Brandão (2012), as condições de produção concebem o contexto histórico social, o lugar de onde falam, os interlocutores, a imagem feita de si próprios e dos outros, além do referente.

Assim, as condições de produção dessa reflexão são, *stricto sensu*, a letra da música, composta em 1961 por Guilherme Figueiredo, nacionalmente conhecida nas vozes da dupla Sandy & Junior, ambos com menos de dez anos na época da

interpretação (1991), e *latu sensu*, as questões ideológicas da década de 1960 a 1990, que eram refletidas nas músicas que eram ouvidas naturalmente pela população sem haver um questionamento sobre o conteúdo das canções.

Maria Chiquinha: uma análise discursiva

Como evidenciado na letra, Genaro, um marido desconfiado da fidelidade de Maria Chiquinha, sua esposa, buscava incessantemente as respostas para suas perguntas a respeito de Maria Chiquinha estar fora de casa. Ao longo da canção é possível apreender que houve uma traição por parte de Maria Chiquinha, evidenciada pelas respostas evasivas dela às perguntas de Genaro. Em uma relação monogâmica, é acordado entre os pares que só irão se relacionar entre si, não cabendo uma terceira pessoa na relação, de nenhuma das partes. Entretanto, pelo desfecho da canção, pode-se inferir motivos que levaram Maria Chiquinha a explorar sua sexualidade de forma escondida, visto que Genaro é um homem violento, com quem não há diálogo, portanto, a única alternativa encontrada por Maria Chiquinha para gozar de sua sexualidade da forma que gostaria foi a traição.

SD1 - O que você foi fazer no mato, Maria Chiquinha?
O que foi fazer no mato?
Eu precisava cortar lenha, Genaro, meu bem
Eu precisava cortar lenha

A necessidade de cortar lenha existe, em sua maioria, para a população rural, o que nos faz perceber que se trata de um casal que vive nesse meio. Apesar de o período ser considerado um tempo em que a mulher não trabalhava, no meio rural era diferente, pois homens e mulheres, dependendo da família, trabalhavam juntos no campo.

Genaro, em todas as perguntas que faz a Maria Chiquinha, se mostra desconfiado de sua fidelidade. A todas as perguntas feitas por Genaro, Maria Chiquinha tenta desmentir a desconfiança de infidelidade que Genaro exprime.

Na mesma sequência discursiva é possível perceber como a forma-sujeito masculina na obra se revela autoritária, buscando saber, a qualquer custo, o porquê de a mulher ter estado fora de casa. Para Pêcheux, o sujeito é constituído de dois esquecimentos, o qual o esquecimento número 1 é o fato de que “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 173), ou seja, o sujeito precisa da ilusão de que é dono de seu dizer, quando não o é, em sua realidade. O esquecimento número 2 indica que “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre

podia ser outro” (ORLANDI, 2007, p. 35), ou seja, é a ilusão de que o sujeito pode escolher quais palavras usar para enunciar, e se fazer entender sem desvios de sentidos, a ilusão de que é capaz de imprimir seus pensamentos às enunciações. Já para Brandão (2012, p. 49), “o sujeito é essencialmente histórico [...]. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social”, ou seja, sua fala é produzida num determinado espaço, num determinado tempo, sendo o sujeito constituído na e pela linguagem. A memória discursiva dos sujeitos da época ditava que a mulher deveria ser uma figura que não fugisse das pretensões masculinas, e que, se o sujeito mulher fizesse algo diferente do comum, como na canção, automaticamente seria deduzida uma traição por parte da mulher. Segundo Orlandi (2006), a memória tem dois eixos: o vertical é onde se encontra a memória, e é responsável pela constituição do dizer, e o eixo horizontal, que é o eixo da formulação do dizer. No caso da memória

são enunciações que se estratificam no eixo vertical de tal maneira que qualquer formulação se dá determinada pelo conjunto das formulações já feitas. No entanto há uma particularidade que define a natureza da memória discursiva: trata-se do fato que quando enunciamos há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer (ORLANDI, 2006, p. 21).

Já para Brandão (2012), toda formação discursiva se associa com uma memória discursiva, sendo esta última, capaz de fazer circular formulações anteriores, já enunciadas a toda formação discursiva. A memória discursiva é capaz de mover, estabelecer ou esquecer sentidos. Por exemplo, um sentido que era relevante para determinada época, atualmente pode não ser, ou seja, pode ter sido esquecido pela memória discursiva. Portanto, é a partir da memória discursiva que se sustenta o enunciado, pois é preciso que haja um já dito para que o que está sendo dito faça sentido em determinada formação discursiva.

SD2 - Quem é que tava lá com você, Maria Chiquinha?
Quem é que tava lá com você?
Era filha de Sádona, Genaro, meu bem
Era filha de Sádona

Nessa sequência discursiva, percebemos que a desconfiança de Genaro não acaba com a resposta de Maria Chiquinha, o que o faz perguntar quem estava com Maria Chiquinha enquanto ela estava no mato.

SD3 - Eu nunca vi mulher de culote, Maria Chiquinha
Eu nunca vi mulher de culote
Era a saia dela amarrada nas pernas, Genaro, meu bem
Era a saia dela amarrada nas pernas
Eu nunca vi mulher de bigode, Maria Chiquinha
Eu nunca vi mulher de bigode

Ela tava comendo jamelão, Genaro, meu bem
Ela tava comendo jamelão

Nessa sequência discursiva, Genaro afirma que sabe a verdade sobre com quem Maria Chiquinha estava, pois descreve que a pessoa que estava com sua esposa se trata de um homem, o que é percebido na sequência discursiva *Eu nunca vi mulher de bigode*. Percebe-se, inclusive, que a palavra *comendo*, pode-se referir a uma conotação sexual.

As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2007, p. 32)

Ou seja, quando dizemos algo, não temos controle sobre o sentido que o que dissemos terá ao interlocutor.

A essa altura do diálogo presente na canção, é possível perceber que houve de fato uma traição por parte de Maria Chiquinha e que o ato é de conhecimento de Genaro. Na AD, como afirma Orlandi (2007, p. 21), “o discurso é o efeito de sentido entre locutores”, ou seja, os efeitos de sentido não podem ser controlados pelos interlocutores, em razão de o sujeito ser assujeitado por diferentes ideologias. Essa condição é percebida na canção pelo fato de as respostas de Maria Chiquinha serem insuficientes aos questionamentos de Genaro, o que comprova que os efeitos de sentido não são passíveis de controle.

SD4 - No mês de setembro não dá jamelão, Maria Chiquinha
No mês de setembro não dá jamelão
Foi uns que deu fora do tempo, Genaro, meu bem
Foi uns que deu fora do tempo
Então vai buscar uns que eu quero ver, Maria Chiquinha
Então vai buscar uns que eu quero ver
Os passarinhos comeram tudo, Genaro, meu bem
Os passarinhos comeram tudo

Nessa sequência discursiva, percebe-se que as respostas de Maria Chiquinha são insuficientes, pelo fato de Genaro replicar todas as respostas dadas por sua esposa às suas perguntas. Nessa sequência discursiva, novamente aparece a alusão ao ato sexual pela palavra *comeram*, porém, no tempo verbal utilizado, percebe-se um sentido de passado, aludindo ao fato de o ato da traição já ter acontecido.

SD5 - Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha
Então eu vou te cortar a cabeça
Que cocê vai fazer com o resto, Genaro, meu bem?
Que cocê vai fazer com o resto?
O resto? Pode deixar que eu aproveito

No final da canção, as respostas de Maria Chiquinha chegaram a tal ponto de insuficiência, que Genaro, munido de seus privilégios de homem, decidiu por cortar a cabeça de sua esposa. O discurso do sujeito que fala da posição do homem está atravessado pelo discurso do machismo, o que é evidenciado por Genaro se sentir no direito de punir sua esposa com a morte por ela não corresponder às expectativas esperadas por ela e ter gozado de sua sexualidade. Esse discurso traz marcas ideológicas da época, em que a posição da mulher, inscrita na memória discursiva, deveria ser a de inferioridade e submissão, tanto é que, na posição sujeito homem, é naturalizado o poder que ele tem sobre o sujeito mulher, o que é evidenciado na sentença de morte dada à Maria Chiquinha. Além disso, é confirmada a posição de submissão que a mulher deveria ter em relação ao homem, pois, após o castigo que Genaro determinou à sua esposa, Maria Chiquinha não o contrariou, apenas questionou o que iria ser feito ao restante de seu corpo, ou seja, em sua posição de submissividade, só a restou aceitar a determinação do sujeito homem, detentor de todos os privilégios da sociedade. Além de tudo, nos últimos versos, Genaro diz que, após cortar a cabeça de Maria Chiquinha, iria aproveitar o restante do corpo, dando a entender que faria um ato de necrofilia, o que, além de crime, reforça o discurso machista que objetifica a mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o discurso é tecer possíveis efeitos de sentidos de enunciados. Com a análise da canção Maria Chiquinha, objetivou-se mostrar como a liberdade sexual do sujeito mulher é difícil de ser conseguida, visto que, como Maria Chiquinha, o fim de muitas mulheres que optam por explorar seu direito ao próprio corpo também não é feliz. Foram analisadas as condições de produção, que era a realidade social da mulher nas décadas de 1960 e 1990, além de utilizar das bases teóricas como posição sujeito e memória discursiva para analisar os efeitos de sentido do discurso machista presente na letra da canção. Além disso, buscou-se trazer alguns dados sobre as conquistas dos direitos da mulher e quais medidas estão em vigor para sanar as questões de violência contra a mulher.

A partir das análises feitas, conclui-se que as canções que são aceitas e ouvidas naturalmente são reflexos da sociedade. Mesmo atualmente, com as abundantes discussões a respeito do machismo, liberdade sexual e violência contra a mulher, restam muitas questões que ainda passam despercebidas, até mesmo em manifestações culturais. A canção Maria Chiquinha, apesar de todo o seu conteúdo violento, era cantada por crianças, fato este que confirma a naturalidade com que a sociedade lida com questões como violência e objetificação da mulher. Com esse trabalho, buscou-se contribuir com as teorias da Análise do discurso de linha

francesa, além de estimular o pensamento crítico em relação ao que se consome culturalmente na sociedade, para que questões relevantes como a violência contra a mulher e o machismo não passem despercebidos em qualquer situação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed., Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha. Brasília, 08 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 11 de julho de 2019.

_____. **Lei n. 13.104, de 09 de março de 2015**. Lei do Femicídio. Brasília, 09 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm> Acesso em: 11 de julho de 2019.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: _____; CHRISTINA, A. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **A Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. A Análise de discurso. In: **Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

_____. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

TOSI, M. **A conquista do direito ao voto feminino**. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>>. Acesso em: 11 de julho de 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha sem ferrão 179

Adolescente 50, 145, 161, 196, 221

Alfabetização 71, 72, 82, 84, 85, 88, 89, 100, 120

Alimentação saudável 152, 154, 155, 157, 158

Analfabetismo funcional 71, 97, 99, 100

Aplicativos educacionais 97

Aprendizagem 9, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 82, 83, 85, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 134, 136, 138, 146, 150, 156, 167, 173, 184, 185, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 238, 240, 241, 246, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem móvel 97

Autonomia 10, 37, 70, 73, 88, 101, 125, 126, 136, 150, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 185, 195, 240, 255, 257, 260, 263, 265

Avaliação 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 37, 47, 77, 83, 86, 88, 116, 119, 121, 128, 129, 134, 135, 136, 137, 139, 150, 162, 188, 196, 209, 227, 256, 258, 263

C

Cidadania 92, 133, 145, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 247, 251, 252

Conservação 92, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Contexto escolar 15, 82, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 160, 161, 167, 187, 194, 231

Criança 31, 42, 44, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 161, 167, 170, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 212, 213, 214, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Cultura escolar 128, 129, 130, 131, 134, 137

Currículo 29, 60, 62, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 148, 151, 165, 219, 255, 260, 261, 262, 264, 265

Currículo adaptado 82, 83, 87

D

Desenho animado 172, 173, 174, 175, 177, 251

Design de inclusão 97, 102

Direitos e deveres 160

Docência 146, 147, 149, 150, 162, 184, 197, 198, 245

E

Educação contextualizada 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Educação inclusiva 9, 10, 11, 82, 83, 89, 151, 185, 186, 191

Educação infantil 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 245

Ensino 1, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 60, 64, 67, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 167, 173, 174, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 217, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 243, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de biologia 14

Extensão 1, 26, 27, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 47, 52, 61, 68, 77, 80, 91, 92, 93, 119, 120, 152, 153, 158, 225

F

Floração 179, 181, 182

Formação 4, 5, 10, 12, 28, 30, 34, 36, 38, 41, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 92, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 120, 121, 122, 136, 146, 147, 149, 150, 151, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 207, 214, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266

H

Hipertexto 104, 106, 107, 110, 111, 112, 254

I

Informática 92, 93, 95, 96, 107, 117, 120, 263, 265

Instrumentos avaliativos 14, 15, 18, 21, 22, 24

L

Leitura 27, 28, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 111, 130, 167, 170, 211, 212, 225, 226, 228, 233, 235, 236, 238, 247, 258

Letramento 34, 35, 82, 84, 89, 103, 171, 247

Linguagem 2, 3, 5, 16, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 85, 87, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 130, 137, 192, 205, 248, 249, 250, 253

M

Meliponicultura 179

Metodologias ativas 97

Metodologias de ensino 77, 200, 230

N

Narrativa mítica 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 113

P

Papilomavírus humano 49, 50, 51, 56, 57, 58

Percepções infantis 140

Pertencimento 30, 98, 136, 160, 163, 170, 244
Políticas públicas 9, 10, 153, 222, 236, 265
Práticas de formação continuada 146, 150, 237
Promoção da ciência 77
Promoção da saúde 152, 156, 157, 158

Q

Química forense 76, 77, 78, 80

R

Recurso polínico 179

S

Salas de recursos multifuncionais 9, 10, 187, 196

Software 92, 93, 120, 182, 227, 262

T

Tempo integral 140, 141, 142, 143, 144, 145

Terapia assistida por animais 39, 47

Texto 34, 35, 40, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 73, 104, 106, 107, 110, 111, 115, 130, 138, 210, 213, 214, 228, 245, 250, 251, 254, 257

Transdisciplinaridade 39

V

Vacinação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Z

Zoologia 172, 174, 177

